

WEB 2.0: de blogs a wikis – a colaboração em massa na formação continuada de professores de língua estrangeiras

Vanessa Ribas Fialho¹

¹Rede Metodista de Educação do Sul – FAMES e PPGL – UCPel

vanessafialho@gmail.com

Resumo. *A web 2.0, como está sendo chamada a segunda geração de ferramentas da Internet, possui um caráter bastante colaborativo. Como exemplo dessas ferramentas, temos os ambientes ou ferramentas wikis e os também conhecidos blogs. Nos wikis, por exemplo, é possível criar hipertextos de forma coletiva, rápida e simplificada. A Wikipédia, enciclopédia virtual construída a partir da colaboração de voluntários, é um dos principais exemplos desse tipo de ambiente bastante controversial. O blog, novo gênero de circulação na Internet, já conhecido e difundido em várias esferas (pessoais, educacionais, comerciais), pode ser definido como uma página da web atualizada com frequência e que depende da participação/colaboração de vários autores através de posts para que de fato funcione, descaracterizando sua relação anterior com o gênero diário pessoal, no qual a participação de outros era inviável. Assim, tendo em mente os conceitos de Blogs e Wikis, este artigo tem como objetivo definir o que é colaboração em massa, exemplificando alguns lugares onde essa colaboração acontece e de que forma acontece, destacando suas vantagens; exemplificar ambientes de colaboração como Blogs e Wikis e destacar suas potencialidades para a formação continuada de professores de línguas estrangeiras.*

Resumen. *La web 2.0, como está siendo llamada la segunda generación de herramientas de la Internet, posee un carácter bastante colaborativo. Como ejemplo de esas herramientas, tenemos los ambientes o herramientas wikis y los también conocidos blogs. En los wikis, por ejemplo, es posible crear hipertextos de forma colectiva, rápida y simplificada. La Wikipédia, enciclopedia virtual construida a partir de la colaboración de voluntarios, es uno de los principales ejemplos de ese tipo de ambiente bastante controversial. El blog, nuevo género de circulación en Internet, ya conocido y difundido en varias esferas (personales, educacionales, comerciales), puede ser definido como una página de la web actualizada con frecuencia y que depende de la participación/colaboración de varios autores a través de posts para que de hecho funcione, descaracterizando su relación anterior con el género diario personal, en el cual la participación de otros era inviable. Así, teniendo en mente los conceptos de Blogs y Wikis, este artículo tiene como objetivo definir lo que es colaboración masiva, ejemplificando algunos sitios donde esa colaboración ocurre y de que forma ocurre, destacando sus ventajas; ejemplificar ambientes de colaboración como Blogs y Wikis y destacar sus potencialidades para la formación continuada de profesores de lenguas extranjeras.*

Palavras-chave: web 2.0; colaboração em massa, formação continuada de professores

1. Considerações iniciais

Hoje, mais do que nunca, os novos ambientes/ferramentas da Internet como os *wikis* e os também difundidos *blogs* possuem um caráter bastante colaborativo graças à Web 2.0, como é chamada a segunda geração de ferramentas da Internet. Em linhas gerais, Web 2.0 acumula diversos serviços que têm como base o princípio da colaboração, divisão do conhecimento.

A pesar de bastante polêmica, a *Wikipédia*, enciclopédia virtual construída a partir da colaboração de voluntários, é um dos principais exemplos *wikis* que, por definição, são ferramentas que possibilitam a criação de criar hipertextos de forma coletiva, rápida e simplificada.

Parecido aos *wikis*, os *blogs* constituem já um novo gênero de circulação na Internet, bastante conhecido e difundido em vários domínios (pessoais, educacionais, comerciais) e, de forma simplificada, pode ser definido como uma página da web atualizada com frequência e que depende da participação/colaboração de vários autores através de *posts* para que de fato funcione, descaracterizando sua relação anterior com o gênero diário pessoal, no qual a participação de outros era inviável.

Nesse sentido, tendo em mente os conceitos de *Blogs* e *Wikis*, este artigo tem como objetivo definir *colaboração em massa*, exemplificando alguns lugares onde essa colaboração acontece e de que forma acontece, destacando suas vantagens; exemplificar ambientes de colaboração como *Blogs* e *Wikis* e destacar suas potencialidades para a formação continuada de professores de línguas estrangeiras.

2. Colaboração em massa

Surowiecki (2006), em seu livro titulado *A sabedoria das multidões*, fala como a inteligência coletiva pode transformar os negócios, a economia, e sociedade e as nações. O livro conta a história do cientista britânico Francis Galton, ocorrida em 1906. Francis estava curioso com relação ao gado e sua criação e foi a uma feira rural na cidade de Plymouth. Lá, se deparou com um concurso de avaliação de peso de animais abatidos, onde os participantes apostavam a estimativa do peso de determinado animal. Segundo conta Surowiecki (2006), oitocentas pessoas das mais variadas profissões, idade, alguns com algum conhecimento sobre gado e outros sem conhecimento algum, arriscaram sua sorte. Galton estava interessado em descobrir o quanto se aproximava do peso uma pessoa sem conhecimentos aprofundados sobre o gado, pois ele acreditava que essa pessoa não teria muitas condições de acertar e peso do animal, ou, então, de chegar perto do peso.

Dessa forma, Galton, como sintetiza Surowiecki (2006), fez do concurso de peso de um animal, uma experiência improvisada. Após o concurso, Galton pegou os 800 papéis dos participantes e começou a fazer testes estatísticos, descartando 13 pessoas, por possuírem letra ilegível, totalizando, assim 787 papéis com estatísticas com relação ao peso do animal. Um dos testes realizados por Galton foi o de somar todos os pesos que os participantes haviam colocado no papel e dividir pelo número de pessoas. Surowiecki (2006) aponta, sobre o resultado da média, “[...]que o número representava

a sabedoria coletiva da multidão de Plymouth. Se a multidão fosse uma única pessoa, seria o que ela teria apostado que o boi pesava” (Surowiecki, 2006, p. 11).

Com tanta diferença de público, Surowiecki (2006) comenta que Galton acreditou que a média estaria longe de ser o peso do animal ou o peso mais aproximado. Para sua surpresa, Galton descobriu que a multidão havia apostado em um peso para o boi de 542,9, apenas meio quilo a menos do que o animal realmente pesava. Surowiecki (2006), assim, estabelece o cerne para seu livro, em que afirma que “sob as circunstâncias corretas, grupos são impressionantemente inteligentes, e freqüentemente são mais inteligentes que a pessoa mais inteligente em seu interior” (Surowiecki, 2006, p. 12). E ainda coloca que, “Na maioria das coisas, a média é mediocridade. Na tomada de decisões, freqüentemente é excelência. Você poderia dizer que é como se tivéssemos sido programados para ser coletivamente inteligentes” (Surowiecki, 2006, p. 32).

Esses grupos inteligentes, que Surowiecki (2006) chamou de *a sabedoria das multidões*, são capazes de burlar nossas limitações racionais, nossas avaliações imperfeitas, e contradiz o que a maioria de nós pensa sobre o conhecimento e sua concentração em pouquíssimas mentes. O autor ainda assinala que, ao termos uma massa sábia, sempre queremos achar nessa massa uma mente brilhante ou *a* mente brilhante que conduziu a massa a um bom resultado, mas que isso é um equívoco e uma perda de tempo.

Surowiecki (2006) possui definições amplas para massa e grupo, podendo ser do tipo mais organizado e com identidade bem definida, até do tipo mais desorganizado e sem identidade. A relação entre esses diferentes grupos é “a capacidade de agir coletivamente para tomar decisões e resolver problemas – mesmo que as pessoas nos grupos nem sempre estejam conscientes do que estão fazendo” (Surowiecki, 2006, p. 15). O autor coloca que até mesmo o mecanismo de busca do Google, bem conhecido e bastante eficaz, é baseado na sabedoria das multidões.

Contrariando o escritor francês Gustave Le Bon (1895), um dos maiores críticos à sabedoria das multidões, Surowiecki (2006) afirma que

Se você reunir um grupo suficientemente grande de pessoas suficientemente diferentes e pedir a elas para “tomar decisões sobre interesse geral”, as decisões daquele grupo serão, ao longo do tempo, “intelectualmente [superiores] às do indivíduo isolado”, não importa quão esperto ou bem informado seja. (Surowiecki, 2006, p. 16)

O uso que um grande grupo de pessoas pode dar à sua inteligência coletiva, pode ser do mais variado tipo, desde decisões simples como o peso de um animal abatido, até decisões mais complexas, como achar um submarino perdido; e esses grupos são capazes de aprender e se beneficiam da fala dos colegas. Embora, como lembra Surowiecki (2006), comunicação demais pode afetar o grupo e fazer com que ele fique menos inteligente.

Sobre a heterogeneidade dos grupos (entre elas está a diversidade cognitiva), em contrapartida à decisão de grupos homogêneos, o autor afirma que a variedade de perspectivas ajuda, acrescentando ao grupo outras idéias que, sem a variedade, não seriam pensadas. Nas palavras de Surowiecki (2006),

[...] fazer com que o grupo seja heterogêneo faz com que ele seja melhor na solução de problemas. Isso não significa que a inteligência

seja irrelevante [...] apenas a inteligência não é suficiente, pois a inteligência sozinha não garante a você diferentes perspectivas para um problema. [...] Acrescentar algumas pessoas que sabem menos, mas tem diferentes habilidades, na verdade melhora o desempenho do grupo. (Surowiecki, 2006, p. 55 e 56).

O autor ainda alega, ao falar sobre grupos homogêneos, que muitos deles podem encontrar dificuldades em prosseguir aprendendo, pois cada vez mais os indivíduos dos grupos trazem cada vez menos informações novas, pois, como são homogêneos, em determinado momento o que o grupo pensa, as idéias ficam redundante. Por outro lado, quando se tem um grupo heterogêneo, a variedade de idéias, além de acrescentar diferentes perspectivas ao grupo, facilita aos indivíduos que digam o que realmente pensam.

Essa perspectiva que Surowiecki (2006) nos traz sobre a sabedoria das multidões muito se relaciona com a idéia que Tapscott e Williams (2007) têm sobre a colaboração em massa. Os autores afirmam que “[...] mudanças profundas na natureza da tecnologia, da demografia e da economia global estão fazendo emergir novos e poderosos modelos de produção baseados em comunidade, colaboração e auto-organização, e não em hierarquia e controle” (Tapscott e Williams, 2007, p. 9).

A habilidade de agrupar o conhecimento, para estes autores, “de milhões (se não bilhões) de usuários de maneira auto-organizável demonstra como a colaboração em massa está transformando a nova web em algo que não difere muito de um cérebro global” (Tapscott e Williams, 2007, p. 57)

O livro de Tapscott e Williams (2007) (Wikinomics. Como a colaboração em massa pode mudar seu negócio), é voltado para o mundo dos negócios, mas traz idéias bastante reais para outras atividades sociais, basicamente centradas no *wiki*, em *blogs* e no *peering*. Os autores apontam como exemplos atuais de colaboração em massa o Myspace, YouTube, Linux, Wikipédia. Em cada um desses espaços, como afirmam os autores, “dezenas de milhões de pessoas compartilham notícias, informações e opiniões na *blogsfera*, uma rede auto-organizada com mais de cinquenta milhões de sites de comentários pessoas atualizados a cada segundo” (Tapscott e Williams, 2007, p. 22).

Tapscott e Williams (2007) argumentam que essas mudanças estão direcionando o mundo para onde conhecimento, poder e capacidade produtiva não estão mais isolados e concentrados em uma empresa, cidade ou região. Pelo contrário, conhecimento, poder e capacidade produtiva estarão cada vez mais dispersos geograficamente, mas unidos pela conexão através da Internet, e sendo disseminados, repensados, através da colaboração em massa.

Sobre a colaboração em massa, os autores afirmam que seremos capazes de explorar “a capacidade, a engenhosidade e a inteligência humana com mais eficiência e eficácia do que qualquer outra coisa que já presenciamos” (Tapscott e Williams, 2007, p. 29). Essa revolução que está acontecendo com o mundo em todas as suas esferas de relações humanas, desde a econômica até a pessoal, tem como principal motor a Internet e a Web 2.0. Nesse sentido, a habilidade essencial para se juntar a esse novo mundo de relações é “aprender como interagir e criar um conjunto com um grupo mutante de parceiros auto-organizados” (Tapscott e Williams, 2007, p. 31).

Nas palavras dos autores,

o simples fato de participar de uma comunidade online é uma contribuição para os espaços digitais públicos – seja fazendo negócio com a Amazon, produzindo um vídeo para o YouTube, criando uma comunidade em torno da sua coleção de fotos no flickr ou editando o verbete sobre astronomia na Wikipédia. (Tapscott e Williams, 2007, p. 30)

3. A web 2.0

Para começar, ao admitirmos que existe uma Web 2.0, necessariamente temos que aceitar que existe ou existiu uma web anterior, a Web 1.0. No entanto, não existe um acordo, como afirma O'Reilly (2005), sobre o que significa a web 2.0, pois alguns afirmam que ela é uma palavra que está na moda, outros dizem que é fruto do marketing, e muitos outros a vem como um novo paradigma.

Segundo O'Reilly (2005), o conceito de 'Web 2.0' teve início em uma seção *brainstorming* entre O'Reilly e MediaLive International. O autor comenta que Dale Dougherty, fundador da web e também vice-presidente da O'Reilly, observou a importância e o crescimento da web e que novos aplicativos estavam sendo usados em muitos sites da Internet com uma certa regularidade. A fim de traçar, então, o que significa a web 1.0 em comparação com a web 2.0, o autor apresenta uma tabela comparativa entre as duas webs, da qual apresentamos um modelo reduzido e customizado:

Web 1.0		Web 2.0
Doble click	-->	Google AdSense
Ofoto	-->	Flickr
Akamai	-->	BitTorrent
mp3.com	-->	Napster
Britannica Online	-->	Wikipedia
websites pessoais	-->	<i>Blogs</i>
Publicar	-->	Participar
content management systems	-->	<i>wikis</i>
directories (taxonomy)	-->	tagging ('folksonomy')

Tabela 1 - Web 1.0 e a Web 2.0 (adaptado de O'Reilly, 2005)

Essa movimentação da Web 1.0 para a Web 2.0, apresentada na Tabela 1, pode ser entendida através do que colocam Tapscott e Williams (2007)

[...] a nova web é o hábitat natural de uma nova tropa de colaboradores chamada de “Geração Net”. Para eles, a web não é uma biblioteca – um mero repositório de informações ou um lugar para fazer compras via catálogo –, mas a nova cola que une as suas redes sociais. (Tapscott e Williams, 2007, p.51)

Nesse mesmo sentido, Coutinho e Bottentuit Junior (2007a) alegam que a primeira geração da Internet, a Web 1.0, teve como principal característica a disponibilização de grande quantidade de informação acessível a todas as pessoas. Em contrapartida, o papel desempenhado por quem navegava era o de espectador, pois não era permitido alterar ou reeditar o conteúdo das páginas/sites. (Coutinho e Bottentuit Junior, 2007a, p. 199).

Com relação ao papel do usuário da Internet, Coutinho e Bottentuit Junior (2007a) propõem uma comparação entre a web 1.0 e a 2.0. Nessa figura comparativa, o que podemos observar é um papel muito mais ativo dos usuários da web 2.0 em comparação com os usuários da web 1.0. É mais, os beneficiários da web 1.0 eram chamados de usuários, já os da web 2.0 são chamados, no mínimo, de participante.

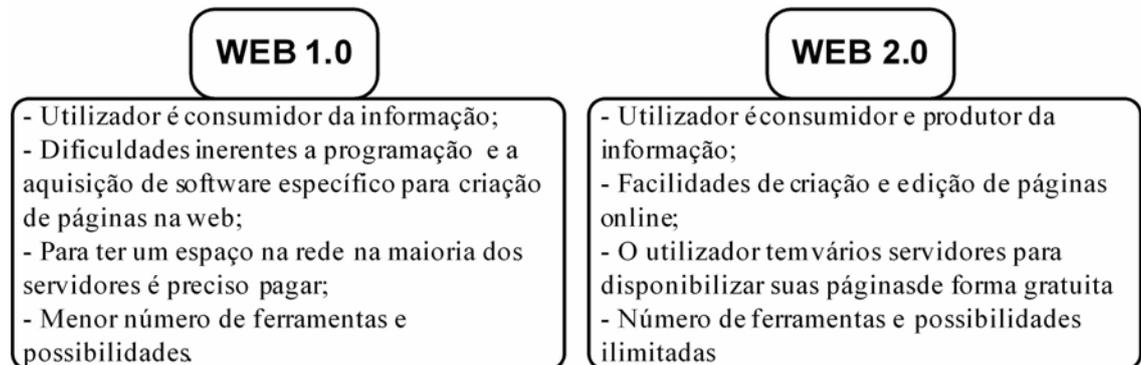


Figura 1 - Diferenças entre a Web 1.0 e a Web 2.0 (Coutinho e Bottentuit Junior, 2007a, p. 200)

O'Reilly (2005) aponta que a Web 2.0 pode ser vista como um sistema de princípios e práticas formando um verdadeiro sistema solar de sites que mostram alguns ou todos esses princípios, mais ou menos distantes desse núcleo e Tapscott e Williams (2007) argumentam que a Web 2.0 é uma constelação integrada por redes de tecnologias que acarretam rupturas. Os autores argumentam que ela

[...] é a plataforma mais robusta até o momento [...]. Pessoas, conhecimento, objetos, aparelhos e agentes inteligentes estão convergindo em redes muitos-para-muitos, nas quais as inovações e as tendências sociais se espalham com a intensidade de um vírus. As organizações que tiveram dificuldade para reagir a novos fenômenos como o Napster ou a *blogsfera* devem esperar muitos outros fenômenos semelhantes – em uma proporção crescente – no futuro. (Tapscott e Williams, 2007, p. 44)

Nesse sentido, a velha Internet tomou proporções tais que diferem bastante da antiga forma passiva de navegar, como se a Internet fosse apenas uma biblioteca cheia de informações. Na verdade, conforme podemos observar no entusiasmo dos autores, na nova era da Internet, os usuários não mais apenas navegam, eles interagem, compartilham, criam, socializam. A web 2.0 está mais para a participação do que para o recebimento passivo de informações. Como dizem Tapscott e Williams (2007),

Estejam as pessoas criando, compartilhado ou socializando, a nova web significa sobretudo participar em vez de receber passivamente informações. [...] Ninguém gasta mais tempo com a Internet do tipo 'publique e navegue'. Cada vez mais as pessoas preferem participar de uma nova geração de comunidades fabricadas por usuários nas quais esses mesmos usuários interagem e criam junto com seus colaboradores (peers). (Tapscott e Williams, 2007, p. 53)

O'Reilly (2005) alega que os pioneiros da Web 2.0 foram o DoubleClick e o Akamai e ainda destaca os padrões de desenho adicionais da web 1.0 e 2.0 ao comprar, por exemplo, a Netscape (web 1.0) e o Google (web 2.0). O'Reilly (2005) diz que o Netscape concebeu "o site como plataforma" levando-se em conta o velho paradigma do

software. A estratégia da Netscape era a de usar seu domínio no mercado dos navegadores para instituir um mercado de produtos de servidor de alta gama. A Netscape estabeleceu, assim, o controle sobre os padrões de visualização do conteúdo e as aplicações no navegador, o que permitiu que O'Reilly (2005) a comparasse ao domínio da Microsoft no mercado dos computadores pessoais.

Já o Google, conforme O'Reilly (2005), ofereceu aos seus usuários uma aplicação web nativa, sem vendas casadas com outros produtos; não há programação das atualizações de software; nenhuma forma de venda, simplesmente uso; nenhum tipo de portabilidade a diferentes plataformas de modo que os clientes possam executar o software na sua máquina; apenas um grande grupo de PCS nos quais rodam sistemas operacionais de software aberto junto com aplicações e utilidades de sua própria colheita que nunca ninguém de fora da companhia consegue ver.

Em linhas gerais, Coutinho e Bottentuit Junior (2007a) definem a filosofia da web 2.0 argumentando que a mesma

prima pela facilidade na publicação e rapidez no armazenamento de textos e ficheiros, ou seja, tem como principal objectivo tornar a web um ambiente social e acessível a todos os utilizadores, um espaço onde cada um selecciona e controla a informação de acordo com as suas necessidades e interesses. (Coutinho e Bottentuit Junior, 2007a, p. 200)

Tudo isso não significa entender que as criações da web 1.0 hoje já não existem ou não nos servem. Na verdade, como assinala O'Reilly (2005), muitos aplicativos 1.0 sobreviveram coexistem com aplicativos da era 2.0 graças à inteligência coletiva. Um dos casos exemplificados pelo autor é do Yahoo!, considerada a primeira grande história do sucesso de Internet. Concebida como um catálogo, ou um diretório de links, um aglomerado do melhor trabalho de milhões de usuários do site. Apesar dos avanços, o Yahoo! continua sendo importante portal de trabalho coletivo dos usuários da rede continua sendo a base de seu valor.

4. Sobre *blogs* e *wikis*

Deixando de lado as discussões em torno do que é ou não é web 1.0 ou web 2.0, o que não podemos negar é que uma das grandes características de uma nova forma de navegar e interagir na Internet é o *blogar* e a ferramenta *wiki* (O'Reilly, 2005).

Coutinho e Bottentuit Junior (2007a) classificam as ferramentas da segunda geração da Internet em duas categorias. A primeira se refere às aplicações que só funcionam na Internet e cuja eficácia aumenta com o número de usuários registrados (Google Docs & Spreadsheets, Wikipédia, del.icio.us, YouTube, Skype, eBay, Hi5). Na segunda categoria encontramos as aplicações que podem funcionar offline, mas que trazem inúmeras vantagens se estiverem online (Picasa Fotos, Google Map, Mapquest, iTunes).

4.1 *Blogs*

Gotts (2006) define *blogs* como diários pessoais escritos e publicados na Internet que podem ser vistos por outras pessoas que estão habilitadas a comentar as postagens do blog. As postagens, como observa a autora, são colocadas de maneira cronológica invertida, ou seja, a última mensagem postada pelo dono do *blog* é a que aparece em primeiro lugar.

Bartlett-Bragg (2003) diz que a palavra *blog* pode ser entendida como um substantivo e também como um verbo. As pessoas que escrevem nos *blogs* são conhecidas como *bloggers* (também encontrados a palavra *blogueiros* em português) e a atividade de participar de *blogs* é conhecida como *Blogging* (embora, na língua portuguesa, muitas pessoas também usem *blogar*). Além disso, o conjunto de *blogs* encontrados na rede é chamado de *blog-o-sphere*, ou, *blogsfera*. A autora argumenta que o sucesso dessa *blogsfera* pode estar relacionado com a facilidade de criar e de manter um blog, pois o *blogueiro* não precisa ter conhecimentos específicos de linguagem hipertextual, nem saber programar.

Convencionalmente, nos *blogs*, como aponta Bartlett-Bragg (2003), aparecem pequenas entradas, atualizadas com frequência, que normalmente fazem referência a uma outra fonte ou site, com hiperlinks para fontes externas. É o próprio software dos *blogs*, como afirma a autora, que determina o arquivamento das mensagens através de links permanentes na página do blog, possibilitando interação com postagens mais antigas, relacionadas por data, tópico ou apenas de forma cronológica invertida.

Nesse sentido, podemos visualizar em Tapscott e Williams (2007) o acontecimento dos *blogs*:

Hoje, o fenômeno dos *blogs* aponta para as mudanças mais profundas que a nova web causará na economia. Os *blogs* foram descritos como a maior cafeteria do mundo. Eles traçam a cada momento um retrato dos pensamentos e sentimentos das pessoas a respeito do que está acontecendo agora, fazendo com que a web deixe de ser uma coleção de documentos estáticos e passe a ser uma conversa em andamento. Os anunciantes já entenderam isso e criaram os seus próprios *blogs* para conversar com os clientes que estiverem interessados. As empresas usam *blogs* como grupos de discussão, regularmente “prestando atenção” no que as pessoas estão dizendo a respeito da empresa ou dos seus produtos. (Tapscott e Williams, 2007, p. 55)

Coutinho e Bottentuit Junior (2007a), apontam que o grande número de *blogs*, que prolifera a cada ano, é uma representação clara da mudança de paradigma estabelecida pela nova geração da Internet. Os *blogs*, como afirmam os autores, são espaços fundamentais capazes de promover interação e dividir (ou quem sabe multiplicar) conhecimento. Os textos publicados em *blogs* estão assumindo tal importância que está surgindo o IBSN (Internet Blog Serial Number), ou seja, um número de indexação para garantir o direito dos autores de *blogs* sobre suas produções postadas e forçando a que sejam feitas referências aos textos e outros materiais disponibilizados no blog (Coutinho e Bottentuit Junior, 2007a).

A quantidade e a variedade de tópicos dos *blogs* é tanta, que podemos lembrar, nas palavras de Tapscott e Williams (2007, p. 56), ao afirmarem que “Centenas de comunidades com interesses específicos estão se formando e, dentro delas, as pessoas trocam animadamente informações e opiniões a respeito de qualquer coisa, de tricô a nanotecnologia.

4.2 Wikis

O termo *wiki* tornou-se bastante popular após o surgimento da Wikipédia que cresce a cada dia que passa, com contribuições voluntárias de especialistas das mais diversas áreas do saber. Mas mais do que isso, Tapscott e Williams (2007, p. 29) afirmam que

“Um *wiki* é mais do que apenas um software para permitir que várias pessoas editem sites da Internet. É uma metáfora para uma nova era de colaboração e participação [...]”

A Wikipédia, o site mais famoso que usa a ferramenta wiki, é um exemplo de peering, ou seja, é uma nova forma de produzir bens e serviços através da colaboração em massa (Tapscott e Williams, 2007, p. 87). Os pressupostos da Wikipédia se baseiam na premissa de que, ao longo do tempo, a colaboração dos usuários melhorará o conteúdo, como a comunidade de código aberto aprimorou a primeira versão do Linux (Tapscott e Williams, 2007, p. 94). No entanto, Tapscott e Williams (2007, p. 98) reconhecem que a abertura da Wikipédia a deixa vulnerável e que é possível encontrar imprecisões, guerras editoriais e vandalismo, mas essa abertura também é a razão pela qual o site está constantemente crescendo, sendo sempre revisado e atualizado.

Como consta na Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>), a palavra *wiki* (pronunciado /uíqui/ ou /víqui/) é usada para identificar um tipo específico de grupos de documentos em hipertexto, como também o software colaborativo usado para criá-lo. Esse software permite que se editem documentos de forma coletiva.

Coutinho e Bottentuit Junior (2007a) definem a ferramenta *wiki* como

um sítio (site) na Web para o trabalho colectivo de um grupo de autores, a sua estrutura lógica é muito semelhante à de um blog, mas com a funcionalidade acrescida de que qualquer um pode juntar, editar e apagar conteúdos ainda que estes tenham sido criados por outros autores. (Coutinho e Bottentuit Junior, 2007a, p. 201)

Na prática, conforme os autores, é uma página Web que pode ser editada totalmente desde um navegador qualquer. Também é possível que se criem novas páginas apenas com um clique em botões para se digitar um novo texto, como se fosse um processador de texto. Através dos *wikis* é possível publicar e dividir facilmente conteúdos na Web.

5. Potenciais educativos de *blogs* e *wikis*

5.1 Potenciais educativos de *blogs*

Gotts (2006) descreve e reflete sobre o uso de *blogs* como uma das ferramentas de um curso de e-learning para professores e tem como objetivo que ditos professores desenvolvam materiais online e pensem em estratégias de uso do e-learning com seus próprios alunos. A autora aponta que os *blogs* contribuem com as comunidades online, pois ajudam os estudantes a criarem uma identidade digital; a desenvolverem conexões com pessoas no meio online que, fora desse meio, não seria possível.

Embora não fale especificamente sobre o ensino de línguas, Bartlett-Bragg (2003) escreveu um artigo no qual ilustrou o fenômeno dos *blogs* e apresentou algumas opções para integrar os *blogs* em práticas pedagógicas reflexivas. A autora assinala que o meio educacional (academia, pesquisadores, alunos e professores) estão aceitando o uso dos *blogs*, e que eles são uma fonte de enriquecimento dando oportunidade aos alunos de terem uma aprendizagem mais profunda, reflexiva, contextualizada, ao invés de uma aprendizagem superficial.

Alguns usos educacionais do blog, na perspectiva de Bartlett-Bragg (2003), são usar o **blog em grupo, publicações escritas, notas de campo e jornais de práticas**

profissionais, publicação de opiniões pessoais, blogs acadêmicos, jornal de pesquisas, jornais de aprendizagem. Mesmo não falando sobre a formação de professores de línguas estrangeiras, as idéias apresentadas pela autora são de grande exemplo. Sobre o uso de **blog em grupo**, por exemplo, a autora aponta que são bastante usadas quando a instituição não possui os recursos para discussões em fóruns, por exemplo. Uma alternativa dada pela autora é usar o blog com um grupo de alunos e compartilhar pequenos textos dando oportunidades de que os alunos comentem esse texto. Esta atividade pode ser usada em níveis iniciais de aquisição de línguas pelos professores em formação, uma vez que a netiqueta dos blogs pede textos não muito longos. Os pequenos comentários da turma em geral seriam um pontapé inicial para o uso de blogs em sala de aula de língua estrangeira.

Já sobre as **publicações escritas**, Bartlett-Bragg (2003) argumenta que o blog também tem sido usado com a finalidade de publicar a escrita de alunos, como se fosse um gênero emergente. Essa prática, Segundo a pesquisadora, pode ser usada em disciplinas de línguas, onde o aluno poderá praticar suas habilidades escritas. Com relação às **notas de campo e jornais de práticas profissionais**, Bartlett-Bragg (2003) conta que alguns colegas de algumas universidades do reino unido a contataram para dividir o sucesso que vêm obtendo com o uso de *blogs* na educação. Assim, este uso do blog pode servir para que os alunos arquivem e divulguem suas experiências durante alguma pesquisa para alguma disciplina, por exemplo. É neste sentido que a autora afirma que é possível ter um nível de aprendizagem mais reflexivo e profundo, pois os alunos publicam suas experiências com o intuito de contribuir para a profissão.

Bartlett-Bragg (2003) também relaciona o uso de *blogs* para a **publicação de opiniões pessoais**. Esse tipo de blog pode ser usado ao publicar pequenas opiniões sobre assuntos acadêmicos, por exemplos, com pequenos comentários dos alunos, com a intenção de que os colegas possam entrar em seus *blogs* e fazer parte da discussão, criando, assim, entre os colegas, uma pequena rede de debates. Sobre os **blogs acadêmicos**, a autora cita Glenn (2003), (cujo blog pode ser acessado através das referencias bibliográficas da autora e que está reproduzido neste artigo também nas referencias bibliográficas), que indica alguns usos do blog pelos acadêmicos. Um dos argumentos em favor do uso de *blogs* é a oportunidade de interagir com uma audiência diversificada e também a possibilidade de se ter maior rapidez de feedback dos interlocutores.

Com o **jornal de pesquisas**, a autora ressalta que acadêmicos podem dividir algumas questões, hipóteses, objetivos, informalmente, com a intenção de receber contribuições antes mesmo que o artigo, por exemplo, seja publicado. Os **jornais de aprendizagem** são diferentes dos fóruns de discussão ou listas de e-mails, pois o conteúdo é a única responsabilidade do autor. É ele quem deve pensar sobre qual assunto vai escrever e como vai convencer seu público de que leia e comente sua postagem.

Todos esses usos do *blog* podem ser realizados a partir de sites gratuitos de hospedagem de *blogs* como o *Space Blog* (<http://www.spaceblog.com.br/>), o *Arte Blog* (<http://www.arteblog.com.br/>), o *Love Blog* (<http://www.loveblog.com.br/>) (estes três pertencem ao *Blogorama* <http://www.blogorama.com.br/> e permitem que o usuário faça seu *blog* de acordo com o tema que desejar: pessoal, arte, amor), o *Click Blog* (<http://clickblog.com.br/>), ou o *Blogger* (<https://www.blogger.com/start>).

Também é possível fazer uma busca apenas de *blogs*, como na Pesquisa de *Blogs* do Google (<http://blogsearch.google.com/>), ou nos próprios sites relacionados anteriormente. Colocando a palavra educação, por exemplo, na *Pesquisa de Blogs* do Google, é possível filtrar a busca para os *blogs* atualizados na última hora ou nas últimas 12 horas. Com essa palavra-chave, existem 165 postagens em *blogs* atualizados nas últimas 12 horas, por exemplo.

5.2 Potenciais educativos de *wikis*

Como já definimos, as ferramentas *wikis* permitem que se publique e que se compartilhe facilmente conteúdos diversos na Web. É possível usar as ferramentas *wikis* como se fosse um repositório ou uma base dados colaborativa desenvolvida por um grupo de alunos de uma mesma disciplina ou curso. Assim, a ferramenta pode ser usada no desenvolvimento de um projeto em pequenos grupos, que farão parte de um projeto maior que englobe todos os pequenos grupos, como se fosse um projeto coletivo de uma turma. Também é possível criar e manter uma página web da disciplina ou curso.

Coutinho e Bottentuit Junior (2007a) apontam algumas potencialidades educativas dos *wikis*, baseados em outros autores. Segundo eles, através do uso de ferramentas *wikis* é possível interagir e colaborar de forma dinâmica com os alunos; trocar idéias, criar aplicações, propor linhas de trabalho para certos objetivos; refazer ou fazer glossários, dicionários, livros de texto, manuais, repositórios de aula, etc; avaliar interação e a evolução dos alunos através do histórico de modificações; criar comunidades de aprendizagem através de estruturas de conhecimento compartilhado, colaborativo; integração dentro dos *blogs* educativos, pois os mesmo podem ser integrados de forma complementar.

Em um estudo realizado com uma ferramenta *wiki* em uma disciplina de um curso de Mestrado em Tecnologia Educativa na universidade do Minho, Braga, Portugal, Coutinho e Bottentuit Junior (2007b) a usaram como repositório de informação da disciplina e foi construído colaborativamente pelos alunos; os mesmo tiveram a oportunidade de aprender com os colegas e de consultar o material produzido por eles.

Sobre o uso do *wiki*, Coutinho e Bottentuit Junior (2007b, p. 5 e 6) reafirmam que essa ferramenta existe de forma gratuita, relativamente de fácil uso. No entanto, não são muito exploradas na área da educação, como podemos ver o falta de estudos sobre esse tópico. Os autores, neste estudo, usaram o *wiki* para a criação de um repositório de conhecimento tendo em vista a zona de desenvolvimento proximal, apresentada por Vygostsky. Nem todos os alunos possuíam as mesmas questões ou informações que pudessem contribuir para a construção do repositório. A resposta dos alunos envolvidos nesta atividade foi bastante proveitosa, como argumentam os autores.

Existem alguns sites gratuitos que oferecem a ferramenta *wiki* que pode ser usada como o professor julgar (repositório, dicionários, glossário, etc.). Alguns desses exemplos são o *Wikia* (<http://www.wikia.com/wiki/Wikia>), o *PBWiki* (<http://pbwiki.com/>), ou o *Wikidot* (<http://www.wikidot.com/>).

6. Considerações finais

Como vimos, a web 2.0 proporciona aos internautas um sem-fim de novos ambientes/ferramentas. Os *wikis* e os *blogs* são exemplos disso: são ferramentas

colaborativas, através das quais é possível dividir o conhecimento e usá-las na promoção da língua estrangeira, na formação de professores.

Nesse sentido, este artigo pretende sensibilizar os formadores de professores de línguas estrangeiras no uso de ferramentas *wikis* e também de *blogs*, uma vez que essas ferramentas permitem uma aprendizagem mais profunda, reflexiva, colaborativa, onde a língua estrangeira pode ser usada em um contexto real de uso de língua, ainda que, na maioria das vezes, de forma escrita.

Para tanto, o conceito de colaboração em massa se faz necessário, pois este prevê que pessoas colaborem (como se faz em *wikis* e *blogs*) gratuitamente, com o objetivo de participarem, crescerem, conhecerem, no sentido de formar comunidades virtuais para a solução de problemas de todo e qualquer tipo.

Assim, este artigo teve como objetivo definir o termo *colaboração em massa*, exemplificar espaços onde a colaboração acontece e de que forma acontece, destacar suas vantagens; exemplificar ambientes de colaboração como *Blogs* e *Wikis* e destacar suas potencialidades para a formação continuada de professores de línguas estrangeiras.

7. Referências bibliográficas

BARTLETT-BRAGG, A. Blogging to Learn. Australian Flexible Learning Framework. **The Knowledge Tree**, 2003. Disponível em:

<http://knowledgetree.flexiblelearning.net.au/edition04/pdf/Blogging_to_Learn.pdf>

Acessado em setembro de 2008.

COUTINHO, C. M. P.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. *Blog e Wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0*. In: IX Simpósio Internacional de Informática Educativa (SIIE 2007), Porto. **Actas do IX Simpósio Internacional de Informática Educativa**. Porto - Portugal : Instituto Politécnico do Porto, 2007. p. 199-204.

Disponível em: <http://siie2007.ese.ipp.pt/?id=pt_2007a>. Acessado em agosto de 2008.

COUTINHO, C. M. P.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. Collaborative Learning Using Wiki: A Pilot Study With Master Students In Educational Technology. In: **Proceedings of World Conference on Educational Multimedia, Hypermedia e Telecommunications (ED-MEDIA)**. p. 1786 – 1791. Vancouver, Canadá, 2007b.

Disponível em:

<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/dspace/bitstream/1822/6720/1/Edmedia2007.pdf>>.

Acessado em agosto de 2008.

O'REILLY, T. What Is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. **O'Reilly Publishing**. 2005. Disponível em:

<<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>

Acessado em abril de 2008.

GLENN, D. Scholars Who Blog. **The Chronicle of Higher Education**, June 6, Retrieved 30 September from <http://www.chronicle.com> 2003

GOTTS, A. Blogging at the chalkface. Australian Flexible Learning Framework. **The Knowledge Tree**. 2006. Disponível em: <<http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2006/wp-content/uploads/2006/09/Gotts.pdf>>. Acessado em agosto de 2008.

SUROWIECKI, J. A. **Sabedoria das Multidões** - Por que muitos são mais inteligentes que alguns e como a inteligência coletiva pode transformar os negócios, a economia e a sociedade. São Paulo. Editora Record, 2006. 376 p.

TAPSCOTT, D; WILLIAMS, A. **Wikinomics**. Como a Colaboração em Massa Pode Mudar o Seu Negócio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 368 p.